

**Patrícia Vieira**

Georgetown University

## **Entre a Luz e a Sombra: Visão e Obscuridade na Literatura Política de Graciliano Ramos e José Saramago<sup>1</sup>**

As ditaduras na Península Ibérica e na América Latina durante o século XX deram azo à criação de numerosos textos literários que denunciaram os abusos de poder praticados durante este período, incluindo prisões indiscriminadas, torturas e assassínios políticos. Apesar de empregarem estéticas muito diversas, o tópico da escuridão e da cegueira, concreta ou metafórica, é uma constante em muitas destas obras. Neste ensaio, abordo a questão da representação literária da escuridão e da cegueira, procurando mostrar como o tema da visão estabelece uma ponte entre a literatura e a arte, por um lado, e a resistência à opressão política, por outro lado.

A luz e a visão encontram-se na cultura ocidental tradicionalmente associadas ao conhecimento e a uma emancipação tanto individual como social e política. Este vínculo entre luminosidade, saber e razão, que remonta à Antiguidade Clássica, culminou no Iluminismo, daí derivando a própria palavra “Iluminismo”, que alude precisamente à luz da razão que dissiparia as trevas da ignorância. Este discurso heliocêntrico foi adaptado por muitas ditaduras do século XX à sua política autoritária, na medida em que estes regimes tinham como ideal a completa transparência da sociedade civil, passível de ser perscrutada pela visão do poder político, que penetraria nos recessos mais recônditos da alma dos cidadãos. Reservando-se o direito assimétrico de verem sem serem vistos, os ditadores do século XX

---

<sup>1</sup> As ideias expostas neste ensaio foram desenvolvidas com mais pormenor no meu livro *Seeing Politics Otherwise: Vision in Latin American and Iberian Fiction* (Toronto: University of Toronto Press, 2011).

procuraram imitar a onipotência de Deus, tornando-se assim numa versão secular e terrena da onipresença divina.

Compreensivelmente, este desenvolvimento político levou a um pessimismo cada vez maior sobre a capacidade da visão como meio por excelência de acesso ao conhecimento e como forma de relacionamento entre os seres humanos. Esta crítica da visão passou, em termos filosóficos, pela formulação de uma ética que resiste à redução do outro a um fenómeno a ser apropriado pelo olhar, em filósofos como Emmanuel Levinas ou Jacques Derrida, e de uma filosofia política que procura evitar as armadilhas de um olhar panóptico, que controla tudo e todos. Este repensar da categoria da visão teve lugar não apenas na filosofia mas também na literatura. Nas páginas que se seguem, procurarei mostrar como esta reconsideração das categorias de luz e sombra se reflecte nas obras de dois escritores de língua portuguesa: o romancista brasileiro Graciliano Ramos (1892-1953) e o escritor português José Saramago (1922-2010). Nos textos destes autores, a sombra, a escuridão e a cegueira não são fenómenos puramente negativos, mas sim circunstâncias que levam os protagonistas das suas narrativas a meditar sobre a situação em que se encontram e a resistir à violência política. As obras destes autores têm em comum uma crítica ao sonho ditatorial de visibilidade total, apresentando a escuridão e a cegueira como formas de escapar a esta ilusão totalitária.

Para ilustrar a relação entre escuridão/cegueira e a denúncia da opressão política debruçar-me-ei sobre duas obras: *Memórias do Cárcere*, um texto autobiográfico de Graciliano Ramos, publicado postumamente em 1953, e o romance *Ensaio sobre a Cegueira* de José Saramago, que veio a lume em 1995. Em *Memórias do Cárcere*, o ambiente escuro e desumano em que se encontra o protagonista leva-o a reflectir sobre questões tanto éticas como políticas e conduz à sua decisão de redigir um manuscrito que sirva de testemunho das suas experiências na prisão, escrita que inicia enquanto ainda estava encarcerado. Em *Ensaio sobre a Cegueira*, a cegueira dos protagonistas é uma etapa necessária na reconfiguração da sociedade em que estes se inserem. O espaço político é modificado com a epidemia de cegueira, formando-se um colectivo que substituirá o individualismo egoísta que dominava as relações sociais até então.

## Graciliano Ramos: A Escrita num Estado de Emergência

Em *Memórias do Cárcere*, Graciliano Ramos narra a sua passagem por várias prisões, entre Março de 1936 e Janeiro de 1937 durante o regime ditatorial de Getúlio Vargas no Brasil. Graciliano foi encarcerado sob a acusação de apoiar uma rebelião comunista no seu país, o que o autor nega na sua autobiografia, apesar de se confessar simpatizante do comunismo<sup>2</sup>. A escuridão perpassa todo o texto: o protagonista é preso em celas sem iluminação, depois transferido para o Rio de Janeiro no bojo escuro de um barco, para ser levado finalmente para a Colónia Penal, onde mais uma vez é colocado numa cela sombria. A escuridão encontra-se associada em *Memórias* ao tratamento desumano do autor e de outros prisioneiros políticos, que eram considerados pouco mais do que animais a serem domesticados e controlados. O culminar desta desumanização ocorre na Colónia Penal, localizada numa ilha perto do Rio do Janeiro. A viagem para a ilha inicia-se de noite e, nas traseiras de um camião, junto com outros presos, Graciliano observa como a luz entra no veículo através de buracos:

Mas com semelhante azáfama, afundáramos à toa no buraco sombrio, éramos uma confusão de membros e pacotes. [...] Cercavam-nos trevas cheias de manchas luminosas. As paredes do carro eram crivadas de furos redondos, as luzes da rua entravam por eles, corriam em dança louca, punham traços vivos e inconstantes nas figuras em redor, e isto me dava a impressão de ver gente incompleta, pedaços humanos, olhos, bocas, orelhas, a aparecer e desaparecer continuamente.<sup>3</sup>

Imersos na escuridão, iluminados apenas por luzes de rua ocasionais, os presos surgem aos olhos do autor como pessoas incompletas. Graciliano vê apenas parte dos corpos dos outros prisioneiros — os olhos,

---

<sup>2</sup> Graciliano Ramos não chegou a terminar o texto de *Memórias do Cárcere*, que foi publicado postumamente em 1953, sem estarem completas as revisões do autor e sem o capítulo final.

<sup>3</sup> Graciliano Ramos, *Memórias do Cárcere*, vol. II (Rio de Janeiro e São Paulo: Editora Record, 2002), p. 32.

a boca e os ouvidos: os órgãos dos sentidos —, que são assim reduzidos já não ao seu corpo mas apenas a partes deste corpo, fragmentação que assinala a desagregação da subjectividade dos detidos, transformados em meros objectos. Graciliano apercebe-se de forma ainda mais clara de que deixou de ser considerado um indivíduo, com um certo número de direitos fundamentais, quando chega à Colónia Penal. Os guardas comunicam abruptamente aos presos que estes se encontram à sua mercê: “Aqui não há direito. Escutem. Nenhum direito. [...] Vocês não vêm corrigir-se, estão ouvindo? Não vêm corrigir-se: vêm morrer.”<sup>4</sup>

No seu percurso pelas várias prisões brasileiras, Graciliano é transformado no que Giorgio Agamben descreveu como “homo sacer”, um termo utilizado no sistema legal da Roma Antiga para designar uma pessoa condenada à morte e que, portanto, perdera todos os direitos de cidadania na polis<sup>5</sup>. Agamben assinala que este estado “sagrado” ocorre quando uma pessoa deixa de ser encarada como uma “forma-de-vida” pensante e se transforma em “vida nua”, ou seja, numa mera entidade biológica<sup>6</sup>. Agamben define o ser humano como “uma vida para a qual o que está em causa é a sua própria forma de vida. [...] uma vida – a vida humana – na qual os actos e processos de viver não são nunca simples factos mas sempre e sobretudo *possibilidades* de vida, acima de qualquer poder”<sup>7</sup>. Num estado de excepção, os seres humanos são privados das suas possibilidades como “formas de vida” e transformados em “vida nua”, determinada pela necessidade, ou seja, todas as escolhas são, à partida, feitas por eles<sup>8</sup>. O estado de excepção

---

<sup>4</sup> *Memórias do Cárcere*, II, p. 69.

<sup>5</sup> Giorgio Agamben, *Means without Ends* (Minneapolis e Londres: University of Minnesota Press, 2000), p. 22. Graciliano está consciente de que o desfecho mais provável da sua estadia na Colónia Penal seria a morte: “Estávamos ali para morrer” (*Memórias do Cárcere*, II, p. 74).

<sup>6</sup> Giorgio Agamben, *Means without Ends*, pp. 3-4.

<sup>7</sup> Giorgio Agamben, *Means without Ends*, p. 4.

<sup>8</sup> O conceito de “forma-de-vida”, proposto por Agamben, remonta à noção heideggeriana de “Dasein”: “Esta entidade que cada um de nós é e da qual faz parte a interrogação sobre as possibilidades do seu Ser.” Martin Heidegger, *Being and Time* (Nova Iorque: Harper, 1962), p. 27. Para Agamben, como para Heidegger, o ser humano é definido pela possibilidade, como lemos em *Ser e Tempo*: “Acima da actualização encontra-se a *possibilidade*.” Martin Heidegger, *Being and Time*, p. 63.

é assim uma forma de exclusão, porque retira os indivíduos da vida em sociedade, que está aberta a novas possibilidades, e enclausura-os numa existência pré-determinada por uma qualquer forma de autoridade.

Graciliano descreve a Colónia Penal onde é detido como o protótipo de um estado de excepção, um domínio de “vida nua” no qual todos os prisioneiros se reduzem ao seu ser biológico, perdendo as suas prerrogativas como cidadãos. Isolados do resto da sociedade numa ilha desabitada, os presos habitam um espaço fora da legalidade, no qual podem apenas esperar a morte, como afirmam os próprios guardas.

A escuridão em que são colocados os prisioneiros em *Memórias do Cárcere* e o seu tratamento como “vida nua”, sem contornos humanos, foi possível devido a um evento na política brasileira que conduziu à instituição de um estado de excepção real. Depois da rebelião de esquerda da Aliança Nacional Libertadora em 1935, o presidente brasileiro Getúlio Vargas, que chegara ao poder através de um golpe militar, persuadiu o Congresso a declarar o estado de emergência. A rebelião foi rapidamente dominada nas suas bases militares em Natal, no Recife e no Rio de Janeiro. Mais duradoura, porém, foi a suspensão dos direitos civis, justificada pelo presidente como uma medida de protecção contra a “ameaça Bolshevik”, nas suas palavras<sup>9</sup>. Foi este clima de repressão que levou à prisão de Graciliano Ramos e de muitos outros cidadãos. Vargas continuou a renovar o estado de excepção, inicialmente de 90 dias, durante os dois anos seguintes, um período durante o qual a polícia gozou de uma liberdade de acção praticamente ilimitada<sup>10</sup>. O encarceramento de prisioneiros políticos foi assim o resultado directo de um estado de excepção generalizado e a forma como estes presos foram tratados na Colónia Penal constituiu uma excepção dentro da

---

<sup>9</sup> Thomas Skidmore, *Brazil. Five Centuries of Change* (Nova Iorque e Oxford: Oxford University Press, 1999), p. 112.

<sup>10</sup> Thomas Skidmore, *Brazil. Five Centuries of Change*, p. 113. Graciliano refere-se à prorrogação do estado de emergência no Brasil em várias passagens de *Memórias*: “Comprei um jornal e, com esforço, repisando a leitura cheia de lacunas, agarrei a notícia infeliz: o estado de guerra ia ser prorrogado” (*Memórias do Cárcere*, II, p. 34). Mais tarde, o autor escreve: “Mencionei a prorrogação do Estado de Guerra, desdisseram-me com azedume; exibi o jornal, repeliram a nota agoureira: a unanimidade alienaria provisoriamente o sucesso aziago” (*Memórias do Cárcere*, II, p. 35).

exceção: um caso de ilegalidade no quadro de uma suspensão geral da lei.

A escuridão, em *Memórias do Cárcere*, acompanha a transformação dos prisioneiros em “vida nua”, retirada do quadro social e despida dos direitos de cidadania. Se, segundo Aristóteles, os seres humanos podem ser definidos como “*politikon zoon*” (*Politics* 1253a, 3)<sup>11</sup>, como animais políticos, a escuridão marca a perda da identidade social e política dos detidos, que são assim tratados como meros animais. Tal como no caso dos animais, a vida dos presos limita-se às suas necessidades físicas e à interacção com o seu meio ambiente.

Graciliano descreve-se e aos outros prisioneiros frequentemente como animais. A metáfora mais comum é a que assemelha os presos a gado, parte de uma manada numerosa:

Era como se fôssemos gado e nos empurrassem para dentro de um banheiro carrapaticida. Resvaláramos até ali, não podíamos recuar, obrigavam-nos ao mergulho. Simples rebanho, apenas, rebanho gafento, na opinião de nossos proprietários, necessitando creolina. Os vaqueiros, armados e fardados, se impacientavam. [...] Agora já não éramos pequeno rebanho a escorregar num declive: constituíamos boiada numerosa; à idéia do banheiro carrapaticida sucedeu a de um vasto curral.<sup>12</sup>

Nesta passagem, todo os presos são amalgamados num grupo indiferenciado, como se fossem gado. Esta é uma imagem recorrente nas descrições da Colónia Penal, que é vista pelo protagonista como “um curral feito de arame farpado”<sup>13</sup>, de forma a enfatizar que os detidos são encarados pelas autoridades como animais. É ainda de notar que o rebanho mencionado na citação é empurrado por vaqueiros para um banho que os expurgaria de parasitas. Esta lavagem simbólica corresponde ao desejo do governo de purificar os presos políticos, libertando-os das suas ideias perniciosas.

---

<sup>11</sup> Aristotle, *The Politics* (Londres e Nova Iorque: Penguin Books, 1992).

<sup>12</sup> *Memórias do Cárcere*, I, p. 124.

<sup>13</sup> *Memórias do Cárcere*, II, p. 17.

A figura do animal surge em *Memórias do Cárcere* em diferentes contextos. A distinção que o autor estabelece com mais frequência é entre “animal” e “bicho”. Esta expressão encontra-se normalmente associada à impotência de Graciliano, que se encontra à mercê dos guardas prisionais: “na verdade, éramos bichos bem mesquinhos. Todos bichos”<sup>14</sup>. Já a palavra “animal” refere-se a comportamentos mais violentos, como afirma o autor: “Às vezes não queremos saber se nos comportamos bem ou mal; [...] a *violência animal* nos impele e domina”<sup>15</sup>. No livro, o protagonista transita entre a passividade do bicho e a agressividade do animal como duas respostas, ambas sem sentido, à situação em que se encontra.

Encarado como um animal pelas autoridades na escuridão da prisão, Graciliano Ramos resiste à desumanização que lhe é imposta através da escrita. Logo depois de ser preso, o autor começa a escrever notas, à luz da vela ou utilizando uma pequena lâmpada, sobre os eventos que presencia e as pessoas que vai conhecendo, na esperança de vir mais tarde a utilizar estes apontamentos para escrever um texto mais coeso<sup>16</sup>. Notas que servem como memória dos tempos na prisão e constituem assim uma reação ao esquecimento a que eram votados os presos políticos no Brasil de Vargas. Nestas notas, origem da sua autobiografia, Graciliano começa a reflectir sobre as circunstâncias sociais que levaram ao seu encarceramento, e procura imaginar uma outra configuração política mais adequada ao Brasil da sua época. A escrita confere assim ao autor um espaço de reflexão que o ajuda a resistir à violência diária da vida na Colônia Penal. O autor reage pois à situação desumana em que se encontra através da escrita, procurando deixar um testemunho da sua experiência através de uma autobiografia, que o ajuda a fazer face à opressão de que é vítima. É na escuridão do cárcere, tratado como um animal, que emerge em Graciliano a consciência de que é imperativo mudar a política brasileira: a sua autobiografia seria o primeiro passo neste esforço de transformação política.

Veremos em seguida que em *Ensaio sobre a Cegueira*, tal como no texto de Graciliano Ramos, a impossibilidade de ver não é algo

---

<sup>14</sup> *Memórias do Cárcere*, II, p. 35.

<sup>15</sup> *Memórias do Cárcere*, I, p. 294.

<sup>16</sup> *Memórias do Cárcere*, I, p. 97.

completamente negativo, na medida em que a cegueira dos protagonistas do romance os leva a repensar as estruturas sócio-políticas que regiam as suas vidas antes de cegarem.

### José Saramago e a Cegueira Redentora

A grande maioria dos comentários sobre *Ensaio sobre a Cegueira* interpreta a incapacidade de ver, descrita no texto, como uma metáfora que exprime a irracionalidade característica das sociedades ocidentais. A catastrófica epidemia de cegueira que se abate sobre uma região não identificada explica-se usualmente como uma alegoria da organização irracional do mundo contemporâneo, no qual predominam a injustiça social e a desigualdade. Os comentários de Saramago acerca do romance parecem corroborar esta interpretação do seu texto como uma condenação da irracionalidade nas relações sociais. Numa entrevista com o crítico literário Carlos Reis, o autor afirma a este respeito:

E é essa indiferença em relação ao outro, essa espécie de desprezo do outro, que eu me pergunto se tem algum sentido numa situação ou no quadro de existência de uma espécie que se diz racional. Isto, de facto, não posso entender, é uma das minhas grandes angústias. O *Ensaio sobre a Cegueira* tem alguma parte na expressão dessa angústia.<sup>17</sup>

De acordo com Saramago, o desrespeito pelo outro é incompatível com a definição dos seres humanos como racionais. Por outras palavras, o escritor considera que a razão deveria levar ao reconhecimento dos direitos dos nossos semelhantes, incluindo o direito à diferença<sup>18</sup>. Se não fazemos uso da razão e maltratamos os outros, é porque estamos cegos: *Ensaio sobre a Cegueira* seria uma literalização desta ideia.

---

<sup>17</sup> Carlos Reis, *Diálogos com José Saramago* (Lisboa: Caminho, 1998), p. 150.

<sup>18</sup> Numa entrevista com Jorge Halperín, Saramago também relaciona a razão com o respeito pelo outro: “A razão que mais me importa é a que tem que ver com os meus pares, a relação que tenho com o outro” (tradução da autora). Jorge Halperín, *Saramago: “Soy un Comunista Hormonal”* (Buenos Aires: Capital Intelectual, 2003), p. 60.



Se o romance apresenta a combinação da razão e da emancipação humana como o oposto de uma cegueira irracional, poderíamos concluir que o texto advoga o retorno à razão iluminista. Com efeito, nas suas entrevistas, Saramago refere-se com frequência aos valores do Iluminismo e lamenta a progressiva erosão e perda destes princípios no século vinte<sup>19</sup>. De acordo com esta perspectiva, a solução para a cegueira, concreta ou metafórica, seria a luz brilhante da razão. Esta seria a conclusão a que deveriam chegar tanto os protagonistas da narrativa como os leitores do romance.

Considerar *Ensaio sobre a Cegueira* como uma alegoria que defende a razão numa sociedade organizada de forma cada vez mais irracional é certamente um dos caminhos possíveis para interpretar o romance de Saramago. Contudo, esta leitura depara com uma série de dificuldades. Primeiro, partir do pressuposto de que existe uma razão universal que se desdobraria em múltiplos sujeitos, todos unidos por esta racionalidade, contraria o imperativo formulado pelo próprio autor de respeito pelas diferenças individuais. Segundo, esta razão universal implica que existe uma só verdade aceite por todos, uma opinião que não é partilhada por Saramago. E, finalmente, a razão iluminista, que se encontra tradicionalmente isolada de determinantes materiais, contrasta com a centralidade do corpo e com as vívidas descrições escatológicas do romance. Partindo destes paradoxos, proponho aqui um repensar da relação entre cegueira e razão/irracionalidade no texto, considerando os diferentes matizes destes conceitos na narrativa.

Uma das peculiaridades da cegueira descrita em *Ensaio sobre a Cegueira* reside na causa da epidemia, que é provocada por uma luminosidade branca:

---

<sup>19</sup> Saramago associa o *Ensaio sobre a Cegueira* ao declínio dos valores do Iluminismo, na sua entrevista com Halperín: “Se quer procurar uma explicação para os temas desses romances [*Ensaio sobre a Cegueira* e *Todos os Nomes*] não creio que a encontre nas mudanças tecnológicas. Encontrá-la-á mais nas mudanças aceleradas da mentalidade humana, nos traços inquietantes desse novo homem que se perfila no horizonte. O tipo humano nascido da Enciclopédia e do Iluminismo, da Ilustração, está a dizer adeus, e já nos dá trabalho reconhecê-lo nos rostos dos nossos contemporâneos e ainda mais nas suas acções” (tradução da autora). Jorge Halperín, *Saramago: “Soy un Comunista Hormonal”*, pp. 46-47.

Chegara mesmo ao ponto de pensar que a escuridão em que os cegos viviam não era, afinal, senão a simples ausência da luz, que o que chamamos cegueira era algo que se limitava a cobrir a aparência dos seres e das coisas, deixando-os intactos por trás do seu véu negro. Agora, pelo contrário, ei-lo que se encontrava mergulhado numa brancura tão luminosa, tão total, que devorava, mais do que absorvia, não só as cores, mas as próprias coisas e seres, tornando-os, por essa maneira, duplamente invisíveis.<sup>20</sup>

A cegueira caracteriza-se normalmente pela escuridão, ou seja, pela completa ausência de cor. Esta escuridão limita-se a apagar as aparências dos seres e das coisas mas deixa intacta a sua essência. A epidemia de cegueira representada no romance, ao contrário da cegueira usual, resulta de uma luz branca muito intensa. Este tipo de cegueira é descrito no texto como um vórtice que atrai os seres e as coisas para o nada e os absorve, já que estes se tornam duplamente invisíveis: não podem ser vistos nem tão-pouco registados através de outros órgãos dos sentidos. Os próprios cegos são absorvidos pelo vácuo formado pela luz intensa da sua cegueira: “eles diluem-se na luz que os rodeia, é a luz que não os deixa ver.”<sup>21</sup>

Ao descrever a cegueira como um excesso de luz, o romance leva-nos a reconsiderar a associação entre a enfermidade que aflige os habitantes da cidade e a irracionalidade. Conforme indiquei acima, a razão é sistematicamente associada na cultura ocidental à luminosidade, sendo que o Iluminismo tinha como desiderato levar a luz da racionalidade a um número crescente de indivíduos, até libertar toda a população das trevas da ignorância. Ora, se o romance associa a cegueira à luz, não podemos considerar esta cegueira como uma simples metáfora para o irracional e a visão como sinónimo de emancipação. Temos no romance dois tipos de luz, ou duas modalidades da razão: a razão dos cegos, afectados pela luminosidade da sua cegueira, e a razão dos que vêem com a luz usual. Esta proliferação de uma luz, tanto concreta como figurativa, indica a existência de diferentes racionalidades ou luzes, ou seja, uma divisão no seio da própria

---

<sup>20</sup> José Saramago, *Ensaio sobre a Cegueira* (Lisboa: Caminho, 1995), pp. 15-16.

<sup>21</sup> *Ensaio sobre a Cegueira*, p. 260.

razão, que é uma das características da modernidade que teve início, precisamente, com o Iluminismo setecentista<sup>22</sup>.

Theodor Adorno e Marx Horkheimer, dois pensadores alemães de meados do século XX, debruçaram-se sobre as contradições inerentes ao conceito de razão que se desenvolveu a partir do Iluminismo. De acordo com estes pensadores, o Iluminismo, cujo objectivo era libertar os seres humanos das suas cadeias — da ignorância, da superstição, da tirania política, etc. —, levou a uma calamidade, ou seja, ao Nazismo, que os filósofos entendiam como o culminar de um processo de desenvolvimento da racionalidade científica e iluminista moderna. Partindo desta aporia, os pensadores concluem: “A tendência não só teórica mas também prática para a auto-destruição fez parte da razão desde o início e não começou apenas agora no presente, quando se mostra mais claramente.”<sup>23</sup> Para Adorno e Horkheimer, o Iluminismo favorece a criação de conceitos como unidades abstractas, levando assim a uma separação muito pronunciada entre sujeito e objecto. Esta tendência resultou numa objectificação das relações entre seres humanos, que passaram a encarar o outro como mais um objecto para possuir e conquistar. É significativo que estes autores associem a cultura de massas, na qual desembocou a razão iluminista, à cegueira, o que aproxima as suas reflexões do romance de Saramago<sup>24</sup>. Contudo, apesar da sua crítica à razão totalitária do Iluminismo, Adorno e

---

<sup>22</sup> Na sua entrevista com Baptista-Bastos, Saramago afirma que *Ensaio sobre a Cegueira* reflecte sobre a natureza da razão humana: “Pretendo, com este livro, interrogar-me a mim e aos leitores, sobre a nossa racionalidade, se somos objectivamente racionais. E se isso a que nós chamamos razão merece, de facto, esse nome. E se o merece, se usamos a razão racionalmente, no sentido justo, como defesa da vida. [...] E o que eu quero com o *Ensaio sobre a Cegueira* é exactamente interrogar-me sobre o que é a razão para nós?” Armando Baptista-Bastos, *José Saramago. Aproximação a um Retrato* (Lisboa: Dom Quixote, 1996), p. 65. Saramago não parte de uma noção pré-definida de racionalidade, pretendendo antes que o seu romance seja lido como uma possível resposta à pergunta: o que é a razão?

<sup>23</sup> Max Horkheimer e Theodor W. Adorno, *Dialectic of Enlightenment. Philosophical Fragments* (Stanford: Stanford University Press, 2002), p. xix. Esta e todas as outras citações de livros numa língua que não o português foram traduzidas pela autora.

<sup>24</sup> Max Horkheimer e Theodor W. Adorno, *Dialectic of Enlightenment*, pp. 11, 21, 28.

Horkheimer consideram que a sociedade não pode simplesmente abolir a racionalidade. O que eles propõem é uma razão crítica, que reflecta sobre as suas diferentes manifestações e pressupostos.

A forma de entender a razão proposta por Adorno e Horkheimer assemelha-se à noção de racionalidade que encontramos em *Ensaio sobre a Cegueira*. Tal como assinalam os pensadores alemães, o romance sugere que existem múltiplos modelos de racionalidade, que podem levar a um desejo totalitário de universalidade e de uniformidade que exige que todos sejam iguais, ou abrir caminho para relações sociais mais éticas. Na narrativa de Saramago, a cegueira engloba ambas as alternativas. Temos, por um lado, a brutalidade das autoridades que procuram isolar as primeiras pessoas contaminadas e conter a doença, bem como o comportamento egoísta de alguns dos cegos, que ecoam os piores excessos da razão apontados por Adorno e Horkheimer, nomeadamente a organização racional dos campos de concentração alemães. Encontramos em ambos os casos o desejo de estabelecer uma sociedade autoritária e hierárquica. Por outro lado, a perda de visão leva a um processo de reflexão em alguns dos protagonistas, que procuram reavaliar os princípios que regiam as suas vidas antes da epidemia deflagrar e que os leva a compreender a importância da partilha e as vantagens de uma sociedade que preza a vida em comunidade. Consequentemente, a cegueira representada por Saramago não simboliza simplesmente a irracionalidade, mas sim os paradoxos da própria razão, da mesma forma que a luz branca da cegueira engloba todas as cores e, metonimicamente, todas as possibilidades. A luminosidade que afecta os cegos torna as coisas duplamente invisíveis, como afirma o narrador, na medida em que absorve a sua essência. Mas é esta falta de essência, esta indeterminação, que permitirá aos protagonistas reformular as suas relações com outros seres humanos e reorganizar a sociedade em que vivem.

A crise de visão representada em *Ensaio sobre a Cegueira* pode ser entendida como o resultado da incapacidade de construir um sujeito tendo como base o ideal da razão iluminista e de constituir uma sociedade justa utilizando esta razão como alicerce. A narrativa de Saramago sugere que a transformação das sociedades contemporâneas e a emancipação prometida pelo projecto do Iluminismo só terá lugar através da acção de um sujeito colectivo.

Algumas das personagens do romance forjam uma subjectividade colectiva a partir das suas interacções depois de cegarem. Estes indivíduos de diferentes classes sociais, grupos etários, etc., que se encontram no asilo psiquiátrico para onde são levados os doentes em quarentena, partilham apenas o facto de estarem cegos. O momento fundador deste grupo ocorre com a deterioração das condições de vida dentro do asilo, quando um gangue se apodera da comida e obriga a que todos paguem para poderem receber refeições. Esta comunidade, liderada pela mulher do médico, descreve da seguinte forma o sistema de partilha que é instituído no asilo:

Daremos todos e daremos tudo, disse o médico, E quem não tiver nada para dar, perguntou o ajudante de farmácia, Esse, sim, comerá do que os outros derem, é justo o que alguém disse, de cada um segundo as suas possibilidades, a cada um segundo as suas necessidades.<sup>25</sup>

Verificamos que existe aqui uma transição do individualismo característico da sociedade moderna para o princípio da propriedade colectiva, baseado na noção Marxista de justiça, que se compreende no contexto de um ideário de esquerda que Saramago sempre subscreveu. Esta recém-criada colectividade, onde cada um dá tudo, torna-se possível precisamente devido à cegueira que vitimou todos os cegos e que se torna num ponto de contacto entre pessoas muito distintas. Observamos assim no romance a transformação de um grupo de pessoas unidas pelo acaso num colectivo que determina os seus princípios de acção e estabelece as suas próprias leis. Saramago mostra-nos assim as bases para a criação de qualquer colectividade.

O colectivo formado no asilo psiquiátrico desenvolve-se na segunda parte do romance, quando os protagonistas caminham pelas ruas da cidade onde todos agora estão cegos em busca de comida e de abrigo. Quando chegam a casa do médico, tomam uma refeição, na qual reina, mais uma vez, o princípio da partilha: “Não dispunham os companheiros de mais do que este pouco, e contudo veio a ser uma festa

---

<sup>25</sup> *Ensaio sobre a Cegueira*, pp. 141-142.

de família, daquelas, raras, onde o que é de cada um, é de todos”<sup>26</sup>. Esta resposta comunitária às dificuldades não é encarada como uma opção, mas sim como a única possibilidade de sobrevivência num meio cada vez mais hostil: “Voltemos à questão, disse a mulher do médico, se continuarmos juntos talvez consigamos sobreviver, se nos separarmos seremos engolidos pela massa e destruídos”<sup>27</sup>. A cegueira leva os protagonistas a compreender que o conceito do indivíduo autónomo é uma ficção. A situação extrema ficcionalizada na obra de Saramago apenas acentua algo que deveria ser evidente mesmo em circunstâncias normais, ou seja, que a colectividade e a partilha são os princípios de organização fundamentais de uma sociedade justa.

O filósofo Alfonso Lingis descreveu os grupos onde impera uma subjectividade colectiva como uma “comunidade daqueles que não têm nada em comum”<sup>28</sup>. Para Lingis, não ter nada em comum é ser absolutamente diferente do outro mas, ao mesmo tempo, ter o mesmo destino que o outro, nomeadamente, ser finito e mortal. Jacques Derrida denominou este tipo de comunidade como a “Nova Internacional”, constituída por “um laço de afinidade, sofrimento e esperança [...] sem pertença a uma classe. [...] uma espécie de contra-conjuração no sentido (teórico e prático) de uma crítica da lei internacional, dos conceitos de estado e de nação”<sup>29</sup>. A Nova Internacional de Derrida baseia-se numa negação de questões identitárias, sendo precisamente esta não-pertença que permite aos oprimidos forjar laços de solidariedade. De forma semelhante às comunidades descritas por Lingis e por Derrida, os membros do grupo que se forma no texto de Saramago criam uma aliança subjectiva fundada na sua condição de cegos, mantendo ao mesmo tempo as suas diferenças. Este tipo de comunidade evita os abusos de poder característicos das sociedades contemporâneas, visto que opera através de consenso e de decisões tomadas conjuntamente por

---

<sup>26</sup> *Ensaio sobre a Cegueira*, p. 240.

<sup>27</sup> *Ensaio sobre a Cegueira*, p. 245.

<sup>28</sup> Alfonso Lingis, *The Community of those who have Nothing in Common* (Bloomington: Indiana University Press, 1994).

<sup>29</sup> Jacques Derrida, *Specters of Marx. The State of the Debt, the Work of Mourning and the New International* (Routledge: Nova Iorque e Londres, 1994), pp. 85-86.

todos os seus membros. Através de interações dialógicas, este grupo formula uma racionalidade idiossincrática, respeitando a singularidade de cada um dentro do todo.

*Ensaio sobre a Cegueira* é assim uma parábola sobre os limites da razão individualista nas sociedades contemporâneas. No romance, a epidemia de cegueira é apenas uma etapa num processo de rejeição do individualismo e na criação de laços comunitários, um ponto fulcral a partir do qual se engendra uma nova forma de viver em grupo. Esta subjectividade, baseada na subversão do poder estabelecido, encarna num colectivo, uma comunidade representada pelos oprimidos, unidos pelo sofrimento: por outras palavras, uma comunidade cujos membros têm apenas a cegueira em comum.

Tanto em *Memórias do Cárcere* de Graciliano Ramos como em *Ensaio sobre a Cegueira* de José Saramago encontramos uma crítica ao totalitarismo, seja sob a forma de um regime que existiu historicamente, como é o caso do governo de Getúlio Vargas no Brasil, seja num contexto ficcional, tal como a sociedade imaginada por Saramago. Em ambas as narrativas, a repressão perpetrada pelas autoridades políticas está associada à visibilidade e à luz, enquanto as vítimas são caracterizadas pela escuridão que as envolve e pela cegueira. Nos dois textos, a escuridão ou a cegueira não são meramente momentos negativos, mas uma condição de possibilidade para um repensar da situação política e o primeiro passo na construção de uma sociedade mais justa.